

## DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR BAIANO – Março/2022

As exportações baianas registraram US\$ 974,3 milhões em março, melhor resultado para o mês da série histórica iniciada em 1998, superando em 37,3% o valor registrado em março de 2021.

Boa parte do bom desempenho das vendas ao exterior no mês passado pode ser explicada pelo volume expressivo de embarques de derivados de petróleo (alta de 172,8%, comparadas a março do ano passado), como também pelo efeito preço desses produtos no mercado internacional – crescimento médio de 42,6%, decorrente do salto das cotações após o conflito na Ucrânia. Esse ambiente favorável levou as receitas do segmento a terem um incremento de 289,1%, na comparação interanual.

No acumulado do primeiro trimestre, a Bahia registrou US\$ 2,51 bilhões em exportações, superior em 41% igual período do ano anterior. Já as importações somaram US\$ 2,83 bilhões, 66,4% acima do registrado até março de 2021, com destaque para os desembarques de combustíveis que cresceram 279,4% na comparação interanual. Esse crescimento maior das importações no período fez com que a balança comercial do estado acumulasse um déficit de US\$ 506,7 milhões no trimestre.

Em março, as exportações agropecuárias alcançaram US\$ 347 milhões e cresceram 52,6%, principalmente de soja que teve embarques mais robustos (alta de 67,2%), por causa do tempo da safra, plantada e colhida mais cedo em relação ao ano passado. As vendas da indústria de transformação alcançaram US\$ 544 milhões e incremento de 43,2%, puxadas pela indústria do refino. Já a indústria extrativa, por sua vez, teve vendas de US\$ 79 milhões, com recuo de 20,3% no mês comparados a março de 2021.

O conflito no Leste Europeu pode desacelerar o crescimento global, com impacto no comércio internacional. Além disso, deve aumentar os preços dos combustíveis

e das commodities, como já demonstram os dados mensais de março. De um lado, isso prejudica a Bahia, que importa combustível, mas o favorece de outro, por conta da importância das commodities na pauta de exportações do estado, bem como também na exportação de derivados de petróleo.

### Tabela I - Balança comercial Bahia Jan./Março - 2021/2022

(Valores em US\$  
1000 FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %
Exportações	1.781.020	2.509.844	40,92
Importações	1.701.990	2.831.268	66,35
Saldo	79.030	-321.424	-
Corrente de comércio	3.483.010	5.341.112	53,35

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 08/04/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

As previsões da Organização do Comércio Mundial – OMC, são de que o comércio global poderá cair pela metade neste ano como uma das severas consequências da guerra na Ucrânia. As projeções da entidade são de que as trocas globais seriam cortadas de 4,7% feita no ano passado para algo próximo de 3%. Para o ano que vem, as trocas podem aumentar 3,4%, mas trata-se de projeção cheia de incertezas por causa da guerra.

A invasão da Ucrânia por forças militares russas causou disrupção imediata no comércio internacional e deve ter efeitos de longo prazo também em sua estrutura, avalia a Agência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad).

Em 2021, o comércio internacional de bens e serviços se recuperou e alcançou o recorde de US\$ 22,4 trilhões, com crescimento de 26% ante 2020. Esse resultado

[www.sei.ba.gov](http://www.sei.ba.gov)

refletiu a significativa transferência de demanda do setor de serviços (viagens, entretenimento etc.) para bens duráveis e preços mais elevados de commodities.

Em termos reais, porém, eliminando o efeito de preço, o comércio mundial cresceu apenas 3% a mais do que no pico de antes da pandemia, segundo a agência da ONU. As cadeias globais de suprimento, que continuavam a experimentar uma disrupção sem precedentes desde fevereiro, sofreram um novo choque com a guerra deflagrada pela Rússia.

As perspectivas para a economia global pioraram com o conflito, constata a OMC. O impacto econômico mais imediato da crise tem sido um forte aumento nos preços das commodities. Apesar de suas pequenas participações no comércio e produção mundial, a Rússia e a Ucrânia são grandes fornecedores de itens como alimentos, energia e fertilizantes.

Boa parte dos economistas concorda que o risco mais imediato para a economia mundial vem mesmo da China. A OMC avalia que, além da guerra, os lockdowns na China para combater a covid-19, perturbam de novo o comércio marítimo no momento em que as pressões nas cadeias de fornecimento pareciam se atenuar.

Pelas projeções da OMC, o PIB mundial à taxa de câmbio do mercado deverá crescer 2,8% neste ano, após ter expandido 5,7% em 2021. O crescimento da produção poderá aumentar para 3,2% no ano que vem, no caso de persistência de incertezas geopolíticas e econômicas.

A região de influência da Rússia deverá registrar uma baixa de 12% de suas importações e contração de 7,9% de seu PIB em 2022, mas as exportações poderão aumentar 4,9% ante a dependência da energia russa por outros países.

Em 2021, o comércio mundial de mercadorias em volume aumentou 9,8%. O valor em dólares do comércio internacional cresceu 26%, atingindo US\$ 22,4 trilhões. Significa que os preços de exportação e importação deram um salto de 15% em

[www.sei.ba.gov](http://www.sei.ba.gov)

2021, em média.

O Brasil voltou a subir um posto no ranking dos exportadores mundiais e recuperou uma posição como importador em 2021, apontam os dados da OMC. Em 2021, o país tornou-se o 25º maior exportador mundial de mercadorias, com vendas que somam US\$ 281 bilhões e que representaram alta de 34% em comparação ao ano anterior. O Brasil aumentou sua fatia nas vendas globais, passando a representar 1,3% do total - comparado a 1,2% no ano anterior.

A OMC, entretanto, alertou para o risco de o comércio internacional tornar-se mais fragmentado em blocos baseados em geopolítica, na esteira da invasão da Ucrânia pela Rússia. E avalia que isso pode fazer o PIB global crescer cerca de 5% a menos no longo prazo, pela restrição da concorrência e da inovação.

A perda de renda com essa situação seria especialmente grave para economias emergentes e em desenvolvimento. A perda da atividade econômica poderia ser mais severa, pois sua estimativa considera apenas um conjunto limitado dos ganhos do comércio que seriam perdidos.

Preços maiores de alimentos e energia reduzirão a renda real e diminuirão a demanda global de importação já no curto prazo, devido à guerra. Os custos comerciais sobem por causa das sanções, restrições à exportação, custos maiores de energia e interrupções no transporte. Como isso, o impacto da guerra no comércio global em 2022 pode ser maior do que o impacto no PIB global.

Rússia e Ucrânia têm participações modestas no comércio e na produção mundial geral, mas são importantes fornecedores de produtos essenciais, notadamente alimentos e energia. Forneceram cerca de 25% do trigo, 15% da cevada e 45% do girassol em 2019. Só a Rússia responde por 9,4% do comércio global de combustíveis, incluindo 20% da exportação de gás natural.

Os dois países também são fornecedores-chave de insumos para as cadeias de

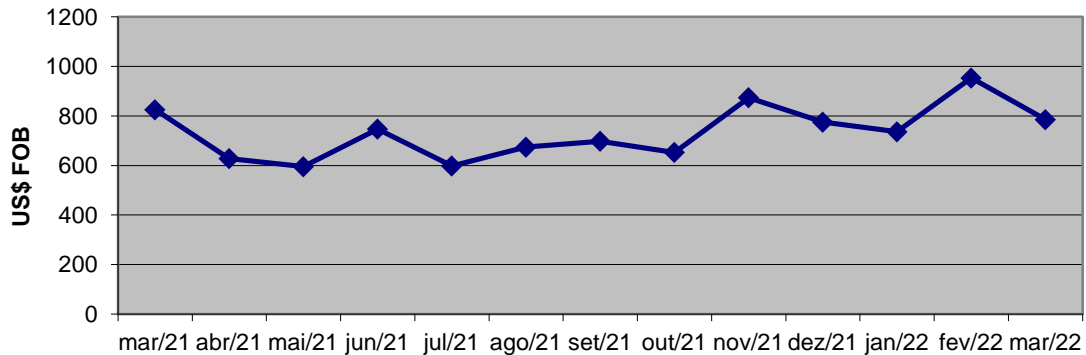
[www.sei.ba.gov](http://www.sei.ba.gov)

valor industriais. A Rússia é um dos principais produtores de paládio e ródio, essenciais para os conversores catalíticos de automóveis, e atendeu 26% da demanda global de paládio em 2019. A produção de semicondutores depende, em boa parte, do néon fornecido pela Ucrânia. A interrupção do fornecimento desses insumos pode atingir as montadoras num momento em que a indústria ainda sofre com escassez de semicondutores.

Todo esse cenário, embute o risco de 2022 se tornar um período tenso de realinhamentos geopolíticos, persistentes desestruturas da cadeia de suprimentos e volatilidade do mercado financeiro, tudo isso em um pano de fundo de crescentes pressões inflacionárias e de espaço de manobra limitado para a política pública.

Manter a economia global em uma trajetória de crescimento razoável exigirá ações orquestradas para corrigir os problemas mais enraizados. Entre elas estão medidas para limitar desestruturas induzidas pela pandemia, iniciativas para diminuir significativamente as tensões geopolíticas, além de atos direcionados, como gastos em infraestrutura, voltados para impulsionar a produtividade de longo prazo em vez de se limitar a fortalecer a demanda de curto prazo.

**Gráfico 1 - Preço médio mensal das exportações baianas 2021-2022**



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 07/042022  
Elaboração: SEI

Os preços médios de exportação continuam oscilando muito, tendo em março/22 registrado queda de 17,6% ante fevereiro e de 2,3% em relação a março/21. Segundo a Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior – Funcex, com a alta de custos de produção, a rentabilidade média do exportador brasileiro caiu 5,8% no primeiro bimestre de 2022 em relação a igual período do ano passado.

O declínio no ano resultou do aumento de custo de produção de 21,6%, que não foi contrabalançado pelo avanço de 15% no preço médio das exportações brasileiras. A valorização nominal do real frente ao dólar foi de 0,4%.

A perda de rentabilidade foi generalizada. Apenas 8 dos 29 setores de atividade que a Funcex acompanha apresentaram elevação na rentabilidade da exportação. O exportador vem perdendo rentabilidade nos embarques desde o último trimestre do ano passado. Na média móvel de três meses, o indicador alcançou 111,3 pontos, uma queda de 7,6% em relação ao maior patamar alcançado nesse critério em 2021.

Em fevereiro, a rentabilidade do exportador caiu 9,2% na comparação com igual mês do ano passado. A valorização em 4,1% do câmbio e o aumento de 20,6%

[www.sei.ba.gov](http://www.sei.ba.gov)

nos custos de produção pesaram mais do que a alta de 14,1% nos preços médio de exportação.

Commodities em alta, contas externas sólidas e uma elevada diferença entre os juros externos e internos têm contribuído para o tombo do dólar, que fechou na média de fevereiro a R\$ 5,1966, fechando em 31/03 a R\$ 4,749, acusando acentuada desvalorização, fruto do aumento dos juros internos e dos investimentos em commodities. Esse recuo da moeda americana ameniza pressões inflacionárias, mas não tem sido suficiente para anular o efeito do aumento dos produtos primários sobre os preços.

Nesse quadro, as previsões para o câmbio têm sofrido diversas revisões. Diversas instituições financeiras reduziram a sua estimativa para o dólar no fim deste ano de R\$ 5,30 para R\$ 5,10. Fatores como os juros altos e as commodities caras jogam a moeda para baixo, mas há outros que apontam para um dólar mais elevado, como as incertezas no cenário global, o aumento dos juros nos EUA e as dúvidas quanto à trajetória das contas públicas brasileiras no médio prazo, num ano em que haverá eleições presidenciais.

Uma guerra prolongada entre Rússia e Ucrânia tende a manter a pressão sobre os preços de commodities. Para o Brasil, é um cenário que produz efeitos negativos e alguns positivos. Mas, como o país enfrenta uma inflação persistente e disseminada, acima de 10% em 12 meses, commodities mais caras incomodam mais, pelo efeito de corroer a renda, especialmente dos mais pobres, exigindo juros altos por mais tempo, o que é prejudicial ao crescimento.

## Tabela II - Exportações baianas Principais segmentos Jan./Março - 2021/2022

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2021	2022			
Petróleo e Derivados	145.300	648.850	346,56	25,85	51,26
Soja e Derivados	188.605	434.109	130,17	17,30	14,83
Químicos e Petroquímicos	223.023	339.432	52,20	13,52	49,42
Papel e Celulose	252.884	214.530	-8,01	8,55	12,22
Minerais	142.783	167.131	17,05	6,66	1,24
Algodão e Seus Subprodutos	192.893	158.697	-17,73	6,32	31,68
Metalúrgicos	196.629	118.170	-39,90	4,71	-16,73
Metais Preciosos	131.169	100.637	-23,28	4,01	26,95
Café e Especiarias	44.972	77.005	71,23	3,07	70,77
Cacau e Derivados	58.356	59.101	1,28	2,35	9,77
Borracha e Suas Obras	36.682	37.585	2,46	1,50	8,58
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	53.100	28.932	-45,51	1,15	11,39
Frutas e Suas Preparações	21.665	24.371	12,49	0,97	-17,82
Calçados e Suas Partes	8.111	21.718	167,75	0,87	41,38
Sisal e Derivados	20.233	20.545	1,54	0,82	22,64
Couros e Peles	16.628	19.631	18,06	0,78	64,23
Fumo e Derivados	7.810	9.596	22,88	0,38	2,98
Carne e Miudezas de Aves	7.339	6.859	-6,54	0,27	-8,57
Automotivo	20.510	136	-99,33	0,01	126,95
Demais Segmentos	12.329	22.809	85,00	0,91	15,05
<b>Total</b>	<b>1.781.020</b>	<b>2.509.844</b>	<b>40,92</b>	<b>100,00</b>	<b>-0,10</b>

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 08/04/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Com a alta das cotações internacionais e o aumento da produção, os derivados de petróleo, assumiram a liderança da pauta de exportações baianas no trimestre, com vendas de US\$ 648,9 milhões e crescimento de 346,6% frente ao primeiro trimestre de 2021. O setor foi um dos principais responsáveis pelo bom desempenho das vendas externas baianas no trimestre uma vez que a Refinaria



[www.sei.ba.gov](http://www.sei.ba.gov)

de Mataripe, triplicou o volume exportado de derivados de petróleo, elevando as exportações de óleo combustível de 346 mil toneladas para 1.009 mil toneladas.

Com isso, as exportações de derivados de Petróleo voltaram a ser, após muitos anos, o principal produto do comércio exterior da Bahia, superando a soja. O valor das exportações de derivados de petróleo no período cresceu 338%, elevando-se de US\$ 141 milhões para US\$ 619,8 milhões, o que significa que as exportações da Acelen já representam 25% do total exportado pela Bahia.

As exportações do agronegócio baiano alcançaram US\$ 431,8 milhões no mês passado, 35,1% mais que um ano antes e novo recorde para março, desde o início da série histórica em 2006.

Tanto os preços médios dos produtos exportados quanto os volumes aumentaram - as altas foram de 24% e 33,7%, respectivamente -, colaborando para o resultado. Com esses avanços, a participação do agro nas exportações totais da Bahia atingiu 41,5%. Em fevereiro, a fatia foi de 46%.

O complexo soja continua sendo o principal produto de exportação do setor, com vendas de US\$ 434,1 milhões no período e incremento de 130,2% em relação ao trimestre de 2021. Por causa do tempo da safra, plantada e colhida mais cedo em relação ao ano passado, as vendas foram volumosas atingindo 874,2 mil toneladas no trimestre.

Com a valorização do petróleo no mercado internacional, o setor de refino (derivados de petróleo) tem conseguido bons preços em seus produtos, aumentando o volume exportado em 2%, mas em função da valorização média dos preços do setor alcançou aumento de 52,2% nas receitas com destaque para a acrilonitrila, pentóxido de vanádio e mistura de alquibenzenos.

A tendência é de melhora das vendas externas dos produtos do setor, diante do

[www.sei.ba.gov](http://www.sei.ba.gov)

novo patamar de preços dos produtos químicos no mercado global. Como limitador, está o fim do Regime Especial da Indústria Química (REIQ) e dos riscos de severos desbalanceamentos na oferta de insumos estratégicos com a guerra na Ucrânia.

A China, que ocupa desde 2012 o posto de principal comprador dos produtos baianos, permanece na liderança dentre os principais destinos para as vendas externas da Bahia no trimestre, com compras que totalizaram US\$ 524,6 milhões. Esse valor foi 24,8% maior que em igual período do ano anterior, por conta do aumento do volume embarcado principalmente de algodão, minério e catodos de cobre e ferro cromo. às maiores vendas de fio de cobre, produtos químicos e derivados de cacau.

Por conta da liderança do refino na pauta e do crescimento de 346,6% nas exportações de petróleo e derivados no trimestre, Singapura (maior importador do produto baiano) vem na segunda posição como destino das vendas externas estaduais com US\$ 380,6 milhões e crescimento de 236,2%. O país respondeu por 15,2% das exportações baianas no período, seguido pelos EUA com US\$ 231 milhões e 9,2% de participação no período.

## **IMPORTAÇÃO**

Com a explosão de preços na importação, o crescimento das compras externas baianas em março alcançou 29,4% a US\$ 792,9 milhões. No primeiro trimestre, as importações atingiram US\$ 2,83 bilhões, superior ao valor alcançado pelas exportações, tendo um incremento de 66,4%, sempre na comparação interanual.

Importações puxadas mais por preços do que volumes fazem parte do cenário esperado para 2022. A guerra, porém, conforme sua duração pode intensificar o ritmo de alta de preços nos desembarques, acumulando-se aos efeitos da inflação global resultante dos gargalos logísticos e do descompasso entre oferta e

demanda anteriores ao conflito.

Apesar do crescimento do quantum no total do trimestre em 23,5%, já houve em março, um refluxo no volume total desembarcado de 15,3%, por conta do fraco ritmo da atividade econômica - queda de 36,2% na compra de bens intermediários e de 16,6% nas de bens de capital. Entretanto, o efeito preço empurrou as despesas em 29,4% no mês passado.

Os desembarques de combustíveis no mês cresceram tanto em volume com em valor atingindo US\$ 545 milhões e incremento de 120,7% (gás, nafta, petróleo, querosene e óleo diesel), comparado a março de 2021. Corroborando os temores do agronegócio sobre a oferta de fertilizantes, houve queda no volume de compras em março em 31%, inclusive os procedentes da Rússia (-42,6%). O valor total desembolsado, entretanto, cresceu 40,4%, o que traduz um aumento de preços médios na ordem de 103,2% comparando-se às compras de março do ano passado.

**Tabela III - Importações baianas por categorias de uso  
Jan./Março - 2021/2022**

(Valores em US\$  
1000 FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %	Part. %
Combustíveis e Lubrificantes	557.428	2.114.931	279,41	74,70
Bens Intermediários	939.857	541.041	-42,43	19,11
Bens de Capital	139.705	117.240	-16,08	4,14
Bens de Consumo duráveis	37.417	33.167	-11,36	1,17
Bens de Consumo não duráveis	27.581	24.888	-9,76	0,88
Bens não especificados	2	0	-100,00	0,00
<b>Total</b>	<b>1.701.990</b>	<b>2.831.268</b>	<b>66,35</b>	<b>100,00</b>

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 08/04/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

[www.sei.ba.gov](http://www.sei.ba.gov)

Com os resultados do trimestre, a Bahia acumulou teve um déficit de US\$ 321,4 milhões em sua balança comercial, resultado de importações maiores, que somaram US\$ 2,83 bilhões, aumento de 66,4% e de exportações de US\$ 2,51 bilhões e incremento de 40,9%. A corrente de comércio (soma das exportações e importações) chegou a US\$ 5,34 bilhões com crescimento de 53,4% sobre igual período de 2021.